

CONTRA A NARRATIVIDADE¹

Galen Strawson²

RESUMO: Eu argumento contra duas alegações populares. A primeira é uma tese descritiva e empírica sobre a natureza da experiência humana comum: ‘cada um de nós constrói e vive uma “narrativa”... essa narrativa *somos* nós, nossas identidades’ (Oliver Sacks); ‘o eu é uma história perpetuamente reescrita... no final, nos *tornamos* as narrativas autobiográficas pelas quais “contamos sobre” nossas vidas’ (Jerry Bruner); ‘somos todos romancistas virtuosos... Tentamos fazer todo o nosso material coeso em uma única boa história. E essa história é nossa autobiografia. O principal personagem fictício... dessa autobiografia é o eu’ (Dan Dennett). A segunda é uma alegação normativa e ética: devemos viver nossas vidas narrativamente, ou como uma história; uma ‘condição básica para dar sentido a nós mesmos é que apreendemos nossas vidas em uma *narrativa*’ e tenhamos uma compreensão de nossas vidas ‘como uma história em desenvolvimento’ (Charles Taylor). Uma pessoa ‘cria sua identidade [apenas] formando uma narrativa autobiográfica — uma história de sua vida’, e deve estar de posse de uma narrativa completa e ‘explícita [de sua vida] para se desenvolver completamente como pessoa’ (Marya Schechtman).

1 STRAWSON, Galen. Against Narrativity, *Ratio (new series)* XVII 4 December 2004, p. 428-452. Tradução: Roberto Roque Lauxen (UESB) e Vitor Hugo dos Reis Costa (UFRJ/UNIRIO).

2 *Department of Philosophy, University of Reading, Reading RG6 6AA, e-mail gstrawson@mac.com*

1

Falar sobre narrativa está intensamente na moda em uma ampla variedade de disciplinas, incluindo filosofia, psicologia, teologia, antropologia, sociologia, teoria política, estudos literários, estudos religiosos, psicoterapia e até mesmo medicina. Há um amplo consenso de que os seres humanos normalmente veem, vivem ou experimentam suas vidas como uma narrativa ou história de algum tipo, ou, pelo menos, como uma coleção de histórias. Chamarei isso de *tese da Narratividade psicológica*, usando a palavra “Narrativa” com uma letra maiúscula para denotar uma propriedade ou perspectiva especificamente psicológica. A tese da Narratividade psicológica é uma tese diretamente empírica e descritiva sobre a maneira como os seres humanos comuns realmente experimentam suas vidas. É assim que somos, diz, esta é a nossa natureza.

A tese da Narratividade psicológica é frequentemente acoplada a uma tese normativa, que chamarei de *tese da Narratividade ética*. Esta afirma que experimentar ou conceber a vida de alguém como uma narrativa é uma coisa boa; uma perspectiva ricamente Narrativa é essencial para uma vida bem vivida, para uma personalidade verdadeira ou plena.

A tese descritiva e a tese normativa têm quatro combinações principais. Pode-se, para começar, pensar que a tese descritiva é verdadeira e a normativa é falsa. Pode-se pensar que somos de fato profundamente narrativos em nosso pensamento e que isso não é uma coisa boa. O protagonista do romance *La nausée* de Sartre tem algo parecido com essa visão.³ Assim como os estoicos, até onde posso ver.

Segundo, e ao contrário, pode-se pensar que a tese descritiva é falsa e a normativa é verdadeira. Pode-se conceder que não somos todos naturalmente Narrativos em nosso pensamento, mas insistir que deveríamos

3 Sartre 1938.

ser, e precisamos ser, para viver uma vida boa. Há versões dessa visão em Plutarco⁴ e em uma série de escritos atuais.

Terceiro, pode-se pensar que ambas as teses são verdadeiras: pode-se pensar que todos os seres humanos normais não patológicos são naturalmente Narrativos e também que a Narratividade é crucial para uma vida boa. Esta é a visão dominante na academia hoje, seguida pela segunda visão. Ela não implica que tudo esteja como deveria ser; deixa bastante espaço para a ideia de que muitos de nós teríamos vantagens sendo mais Narrativos do que somos, e a ideia de que podemos errar nas nossas próprias narrativas de uma forma ou de outra.

Finalmente, pode-se pensar que ambas as teses são falsas. Esta é a minha visão. Acho que a atual aceitação generalizada da terceira visão é lamentável. Simplesmente não é verdade que há apenas uma boa maneira para os seres humanos experimentarem seu ser no tempo. Existem pessoas profundamente não-narrativas e existem boas maneiras de viver que são profundamente não-narrativas. Acho que a segunda e a terceira visões dificultam a autocompreensão humana, fecham importantes vias de pensamento, empobrecem nossa compreensão de possibilidades éticas, angustiam desnecessária e erroneamente aqueles que não se encaixam em seu modelo e são potencialmente destrutivas em contextos psicoterapêuticos.

2

A primeira coisa que quero colocar em prática é uma distinção entre a experiência de si mesmo quando se considera principalmente um ser humano tomado como um todo, e a experiência de si mesmo quando se considera principalmente uma entidade mental interna ou “self” de

4 Veja e.g. 100AD, pp. 214–7 (473B–474B).

algum tipo — chamarei isso de experiência de si. Quando Henry James diz, sobre um de seus primeiros livros, “Eu penso... na obra-prima em questão... como o trabalho de uma pessoa completamente diferente de mim... um rico... parente, digamos, que... me permite ainda reivindicar um tímido quarto grau de primo”⁵, ele não tem dúvidas de que é o mesmo ser humano que o autor daquele livro, mas não sente que é o mesmo eu ou pessoa que o autor daquele livro. É esse fenômeno de experimentar a si mesmo como um eu que me preocupa aqui. Uma das maneiras mais importantes pelas quais as pessoas tendem a pensar em si mesmas (independentemente da crença religiosa) é enquanto coisas cujas condições de persistência não são obviamente ou automaticamente as mesmas que as condições de persistência de um ser humano considerado como um todo. Petrarca, Proust, Parfit e milhares de outros deram a essa ideia uma expressão vívida. Vou tomar como garantida a viabilidade dessa expressão e estabelecer, nos termos dela, outra — entre a experiência “Episódica” de si e a “Diacrônica”.

3

A forma básica da experiência Diacrônica de si é que

[D] alguém naturalmente se imagina, considerado como um *self*, como algo que estava lá no passado (remoto) e estará lá no futuro (remoto)

— algo que tem continuidade diacrônica de prazo relativamente longo, algo que persiste por um longo período de tempo, talvez por toda a vida. Eu entendo que muitas pessoas são naturalmente Diacrônicas, e que muitas que são Diacrônicas também são narrativas em sua perspectiva sobre a vida.

5 1915: 562-3.

Se alguém é Episódico, por outro lado,

[E] alguém não se imagina, considerado como um *self*, como algo que estava lá no passado (remoto) e estará lá no futuro (remoto).

A pessoa tem pouca ou nenhuma noção de que o eu que ela é estava lá no passado (remoto) e estará lá no futuro, embora esteja perfeitamente ciente de que tem continuidade de longo prazo considerada como um ser humano completo. É provável que os Episódicos não tenham nenhuma tendência particular a ver sua vida em termos narrativos⁶.

Os estilos Episódico e Diacrônico do ser temporal são radicalmente opostos, mas não são absolutos ou sem exceções. Indivíduos predominantemente Episódicos podem às vezes se conectar a eventos carregados em seus passados de tal forma que sentem que aqueles eventos aconteceram com eles — memórias embaraçosas são um bom exemplo — e antecipam eventos em seus futuros de tal forma que eles pensam que esses eventos vão acontecer com eles — pensamentos de morte futura podem ser um bom exemplo. Então, indivíduos predominantemente Diacrônicos podem às vezes experimentar uma falta Episódica de ligação com partes bem lembradas de seu passado. Pode ser que a disposição Episódica básica seja menos comum em seres humanos do que a disposição Diacrônica básica, mas muitos fatores podem induzir variações em indivíduos. Eu entendo que os fundamentos do temperamento temporal são geneticamente determinados, e que temos aqui a ver com uma profunda “variável de diferença individual”, para colocar na linguagem da psicologia experimental. Variações individuais no estilo temporal, Episódico ou Diacrônico, Narrativo ou Não-Narrativo, serão encontradas em todas as culturas, de modo que a mesma disseminação geral será encontrada tanto em uma chamada “cultura da vingança”, com sua ênfase essencialmente diacrônica,

6 A distinção episódica/diacrônica não é a mesma coisa que a distinção narrativa/não narrativa, como veremos; mas há correlações marcantes entre elas.

como em uma cultura mais despreocupada⁷. De forma compatível com isso, a posição exata de alguém no espaço de estado episódico/diacrônico/narrativo/não narrativo pode variar significativamente ao longo do tempo de acordo com o que alguém está fazendo ou pensando, com seu estado de saúde e assim por diante; e pode mudar acentuadamente com o aumento da idade.

Diacrônicos e Episódicos provavelmente se entenderão mal. Diacrônicos podem sentir que há algo assustador, vazio e deficiente sobre a vida episódica. Eles podem temê-la, embora ela não seja menos plena ou emocionalmente articulada do que a vida diacrônica, não menos pensativa ou sensível, não menos aberta à amizade, amor e lealdade. E certamente as duas formas de vida diferem significativamente em sua forma ética e emocional. Mas seria um grande erro pensar que a vida Episódica está fadada a ser menos vital ou de alguma forma menos engajada, ou menos humana, ou menos humanamente realizada. Se os heideggerianos pensam que os Episódicos são necessariamente “inautênticos” em sua experiência de estar no tempo, tanto pior para sua noção de autenticidade⁸. E se os Episódicos são movidos a responder lançando calúnias sobre a vida diacrônica — achando-a de alguma forma macerada ou obstruída, digamos, ou excessivamente egocêntrica, inautenticamente derivada — eles também estarão enganados se pensarem que é uma forma essencialmente inferior de vida humana.

Há um sentido em que os Episódicos são, por definição, mais localizados no presente do que os Diacrônicos, no que diz respeito à sua experiência de si, mas não se segue, e não é verdade, que os Diacrônicos são menos presentes no momento presente do que os Episódicos, assim como não se segue ou é verdade que, na vida Episódica, o presente é de alguma forma menos informado ou responsável pelo passado do que na

7 Embora uma cultura pudesse, em teoria, exercer pressão seletiva significativa sobre um traço psicológico. Para descrições da cultura da vingança, veja Blumenfeld 2003.

8 Cf. e.g. Heidegger 1927.

vida Diacrônica. O que é verdade é que a informação e a responsividade têm características diferentes e consequências experienciais diferentes nos dois casos. Diante dos Diacrônicos céticos, que insistem que os Episódicos são (essencialmente) disfuncionais na maneira como se relacionam com seu próprio passado, os Episódicos responderão que o passado pode estar presente ou vivo no presente sem estar presente ou vivo *enquanto* passado. O passado pode estar vivo — sem dúvida mais genuinamente vivo — no presente simplesmente na medida em que ajudou a moldar a maneira como alguém está no presente, assim como a execução dos músicos pode incorporar e dar corpo à sua prática passada sem ser mediada por nenhuma memória explícita dela. O que vale para o desenvolvimento musical vale igualmente para o desenvolvimento ético, e as observações de Rilke sobre poesia e memória, que têm uma aplicação natural ao caso ético, sugerem uma maneira pela qual a atitude episódica em relação ao passado pode ter uma vantagem sobre a diacrônica: “Para o bem de um único poema”, ele escreve, “você deve ter... muitas... memórias... E ainda assim não é suficiente ter memórias... Pois as memórias em si não são importantes”. Elas dão origem a um bom poema “somente quando se transformam em nosso próprio sangue, em olhar e gesto, e são inomináveis, não mais para serem distinguidas de nós mesmos”⁹.

9 Entre aqueles cujos escritos mostram que são marcadamente episódicos, proponho Michel de Montaigne, o conde de Shaftesbury, Stendhal, Hazlitt, Ford Madox Ford, Virginia Woolf, Borges, Fernando Pessoa, Iris Murdoch (uma pessoa fortemente episódica que é uma contadora de histórias nata), Freddie Ayer, Goronwy Rees, Bob Dylan. Proust é outro candidato, apesar de sua memorabilidade (que pode ser inspirada por sua episodicidade); também Emily Dickinson. Do outro lado — para começar — Platão, Santo Agostinho, Heidegger, Tom Nagel, provavelmente Nietzsche, todos os campeões da narrativa e da Narratividade no atual debate ético-psicológico, e alguns dos meus amigos mais próximos.

Como a Episodicidade e a Diacronicidade se relacionam com a Narratividade? Suponha que ser Diacrônico seja ao menos necessário para ser Narrativo. Já que é verdade por definição que se você é Diacrônico você não é Episódico e, inversamente, segue-se que se você é Episódico você não é Narrativo. Mas eu acho que a vida fortemente Episódica é uma forma de vida normal e não patológica para os seres humanos, e de fato uma boa forma de vida para os seres humanos, uma maneira de florescer. Rejeito, então, tanto a tese da Narratividade psicológica quanto a tese da Narratividade normativa e ética.

Preciso dizer mais sobre a vida episódica, e como me considero relativamente Episódico, usarei a mim mesmo como exemplo. Tenho um passado, como qualquer ser humano, e sei perfeitamente que tenho um passado. Tenho uma quantidade respeitável de conhecimento factual sobre ele, e também me lembro de algumas das minhas experiências passadas “em primeira pessoa”, como dizem os filósofos. E ainda assim não tenho absolutamente nenhum senso da minha vida como uma narrativa com forma, ou mesmo como uma narrativa sem forma. Absolutamente nenhum. Nem tenho nenhum interesse grande ou especial no meu passado. Nem tenho muita preocupação com o meu futuro.

Essa é uma maneira de colocar isso — falar em termos de interesse limitado. Outra maneira é dizer que parece claro para mim, quando estou experimentando ou apreendendo a mim mesmo como um eu, que o passado ou futuro mais remoto em questão não é meu passado ou futuro, embora seja certamente o passado ou futuro de GS, o ser humano. Isso é mais dramático, mas acho que é igualmente correto, quando estou me imaginando enquanto um eu. Não tenho nenhuma sensação significativa de que *eu* — o eu que agora considera essa questão — estava lá no passado mais distante. E parece claro para mim que isso não é uma falha no nível dos sentimentos. É, ao contrário, um registro de um fato sobre o que eu sou — sobre o que é a coisa que está atualmente considerando esse problema.

Usarei “eu*” para representar: aquilo que agora experimento que sou quando estou me apreendendo especificamente como uma presença mental interna ou *self*. “Eu*” vem com uma grande família de formas cognatas — “eu*”, “meu*”, “você*”, “si mesmo*”, “eles mesmos*”, e assim por diante. A presunção metafísica embutida nesses termos é que eles conseguem fazer referência genuína a algo mental interno que é razoavelmente chamado de “self”. Mas não importa se a presunção está correta ou não¹⁰.

Então: está claro para mim que eventos no meu passado mais remoto não aconteceram comigo*. Mas o que isso significa? Certamente não significa que eu não tenha nenhuma memória autobiográfica dessas experiências passadas. Eu tenho. Nem significa que minhas memórias autobiográficas não tenham o que os filósofos chamam de caráter em primeira pessoa. Algumas delas têm. E elas são certamente as experiências do ser humano que eu sou. Não se segue disso, no entanto, que eu as experimente como tendo acontecido comigo*, ou de fato que elas tenham acontecido comigo*. Elas certamente não se apresentam como coisas que aconteceram comigo*, e acho que estou estrito e literalmente correto em pensar que elas não aconteceram comigo*.

— *Isso não pode estar certo. Se uma das minhas experiências lembradas tem um caráter em primeira pessoa, ela deve — por definição — ser vivenciada como algo que aconteceu comigo*.*

Isso pode parecer plausível a princípio, mas é um erro: o caráter em primeira pessoa de uma memória pode se separar completamente de qualquer sentido de que alguém é o sujeito da experiência lembrada. Minha memória de cair de um barco tem um caráter essencialmente de

10 O termo ‘eu*’ e seus cognatos podem funcionar em contextos fenomenológicos para transmitir o conteúdo de uma forma de experiência que incorpora a presunção, independentemente de a presunção estar ou não correta. Omitirei o ‘*’ quando não for necessário.

primeira pessoa, visualmente (a água correndo para me atingir), cinesteticamente, proprioceptivamente¹¹, e assim por diante¹². Certamente não se segue que ela carregue qualquer sentimento ou crença de que o que é lembrado aconteceu comigo*, para aquilo que agora eu apreendo ser quando estou apreendendo a mim especificamente como um *self*.

Isto não se segue mesmo quando a emoção figura no caráter de primeira pessoa da memória autobiográfica. A inferência de [1] A memória tem um caráter de primeira pessoa em aspectos emocionais para [2] A memória é vivenciada como algo que aconteceu comigo* simplesmente não é válida, embora para muitas pessoas [1] e [2] sejam frequentemente ou geralmente verdadeiros juntos.

Para mim, este é um fato claro da experiência. Estou bem ciente de que meu passado é meu na medida em que sou um ser humano, e aceito plenamente que há um sentido em que ele tem relevância especial para mim* agora, incluindo relevância emocional e moral especial. Ao mesmo tempo, não tenho a sensação de que eu* estava lá no passado, e acho óbvio que eu* não estava lá, como uma questão de fato metafísico. Quanto à minha preocupação prática com meu futuro, que acredito estar dentro do âmbito da normalidade humana (com limite para baixo), ela é biologicamente — visceralmente — fundamentada e autônoma, de tal forma que posso vivenciá-la como algo imediatamente sentido, embora eu não tenha nenhuma sensação significativa de que eu* estarei lá no futuro.

11 Propriocepção é a capacidade de perceber a posição do corpo no espaço (n.t.)

12 Não tem nenhum tipo de caráter “de fora” (seria um pouco como se eu estivesse vendo um filme meu caindo, feito por um terceiro).

5

Tudo isso, resumidamente, para a vida episódica. E quanto à vida narrativa? E o que pode significar dizer que a vida humana é “narrativa” por natureza? E você deve ser Diacrônico para ser Narrativo? Há muitas perguntas.

Uma declaração clara da tese da Narratividade psicológica é dada por Roquentin no romance *La nausée* de Sartre:

[...] um homem é sempre um contador de histórias, ele vive cercado por suas próprias histórias e pelas de outras pessoas, ele vê tudo o que acontece com ele *em termos* dessas histórias e ele tenta viver sua vida como se estivesse contando-a.¹³

Sartre vê a narrativa, o impulso de contar histórias como um defeito, algo lamentável. Ele aceita a tese da Narratividade psicológica enquanto rejeita a tese da Narratividade ética. Ele acha que a Narratividade humana é essencialmente uma questão de má-fé, de inautenticidade radical (e tipicamente irremediável), em vez de algo essencial para a autenticidade.

A maioria pró-Narrativa pode concordar com Sartre que a Narratividade pode dar errado, ao mesmo tempo em que insiste que nem tudo é assim tão ruim e que a Narratividade é necessária para uma vida boa. Estou com Sartre na questão ética, mas quero agora considerar algumas declarações da tese psicológica da Narratividade. Oliver Sacks coloca isso dizendo que “cada um de nós constrói e vive uma ‘narrativa’... essa narrativa somos nós, nossas identidades”. O distinto psicólogo Jerry Bruner escreve sobre “as histórias que contamos sobre nossas vidas”, alegando que “o eu é uma história perpetuamente reescrita” e que “no final, *nos tornamos* as

13 1938, p. 64. Sartre está tão preocupado com passagens relativamente curtas da vida quanto com a vida como um todo

narrativas autobiográficas pelas quais ‘contamos sobre’ nossas vidas”¹⁴. Dan Dennett afirma que

[...] somos todos romancistas virtuosos, que nos encontramos envolvidos em todos os tipos de comportamento, e sempre tentamos colocar as melhores “faces” nisso que podemos. Tentamos fazer todo o nosso material coeso em uma única boa história. E essa história é nossa autobiografia. O personagem fictício principal no centro dessa autobiografia é o próprio eu.¹⁵

Marya Schechtman vai além, torcendo as teses da Narratividade ética e psicológica firmemente juntas de uma maneira valiosamente direta. Uma pessoa, ela diz, “cria sua identidade [apenas] ao formar uma narrativa autobiográfica — uma história de sua vida”. É preciso estar de posse de uma narrativa completa e “explícita [da própria vida] para se desenvolver completamente como pessoa”¹⁶.

Charles Taylor apresenta desta forma: uma “condição básica para dar sentido a nós mesmos”, ele diz, “é que apreendemos nossas vidas em uma *narrativa*” e tenhamos uma compreensão de nossas vidas “como uma história em desenvolvimento”. Isso não é, ele pensa, “um extra opcional”; nossas vidas existem “em um espaço de perguntas, que somente uma narrativa coerente pode responder”¹⁷. Ele é apoiado por Claire no romance *Generation X* de Doug Copeland: “Claire... quebra o silêncio ao dizer que não é saudável viver a vida como uma sucessão de pequenos momentos legais isolados. ‘Ou nossas vidas se tornam histórias, ou não há como passar por elas’”; mas Taylor acrescenta muito mais peso ético a isso que está envolvido em passar pela vida. É

14 Sacks 1985, p. 110; Bruner 1987, pp. 11, 15, 12; 1994, p. 53.

15 Dennett 1988, p. 1029.

16 Schechtman 1997, pp. 93, 119.

17 1989, pp. 47, 52.

[...] porque não podemos deixar de nos orientar para o bem e, portanto, determinar nosso lugar em relação a ele e, portanto, determinar a direção de nossas vidas, [que] devemos inevitavelmente entender nossas vidas em forma narrativa, como uma “busca” [e] devemos ver nossas vidas em uma história.¹⁸

Isto, diz ele, é um “requisito estrutural inescapável da agência humana”¹⁹, e Paul Ricœur parece concordar:

Como poderia, de fato, um sujeito de ação dar um caráter ético à sua própria vida tomada como um todo se essa vida não fosse reunida de alguma forma, e como isso poderia ocorrer se não, precisamente, na forma de uma narrativa?²⁰

Aqui, minha principal perplexidade é sobre o que pode ser “dar um caráter ético à própria vida tomada como um todo” de alguma forma explícita, e sobre por que diabos, em meio à beleza do ser, deveria ser considerado importante fazer isso. Acho que aqueles que pensam dessa forma são motivados por um senso de sua própria importância ou significância que está ausente em outros seres humanos. Muitos deles, de modo conexo, têm compromissos religiosos. Eles estão envolvidos em formas de crença religiosa nas quais — como quase todas as crenças religiosas —, na verdade, tudo é sobre si mesmo²¹.

Alasdair MacIntyre é talvez a figura fundadora no campo moderno da Narratividade, e sua visão é semelhante à de Taylor. “A unidade de uma vida individual”, ele diz, “é a unidade de uma narrativa incorporada em

18 1989, pp. 51–2. Rejeito o ‘porque’ e o segundo ‘portanto’.

19 1989, p. 52.

20 1990, p. 158.

21 A crença religiosa é um dos veículos fundamentais do narcisismo humano (claramente, o senso de importância própria tem muito mais probabilidade de ser a causa da crença religiosa em alguém que chegou à religião do que em alguém que nasceu nela).

uma única vida. Perguntar ‘O que é bom para mim?’ é perguntar como melhor eu poderia viver essa unidade e levá-la à conclusão...” A unidade de uma vida humana, ele continua,

[...] é a unidade de uma busca narrativa... [e] os únicos critérios para o sucesso ou fracasso em uma vida humana como um todo são os critérios para o sucesso ou fracasso em uma busca narrada ou a ser narrada... Uma busca por quê?... uma busca pelo bem... a boa vida para o homem é a vida gasta na busca pela boa vida para o homem.²²

A alegação de MacIntyre parece, a princípio, não psicológica: uma vida boa é aquela que tem unidade narrativa. Mas uma vida boa é aquela gasta buscando a vida boa, e há uma forte sugestão de que buscar a vida boa requer adotar uma perspectiva narrativa; nesse caso, a unidade narrativa requer Narratividade.

Alguma coisa disso tudo é verdade? Acho que não. Parece-me que MacIntyre, Taylor e todos os outros apoiadores da tese da Narratividade ética estão realmente falando apenas sobre si mesmos. Pode ser que o que eles estão dizendo seja verdade para eles, tanto psicológica quanto eticamente. Este pode ser o melhor projeto ético em que pessoas como eles podem esperar se envolver²³. Mas mesmo que seja verdade para eles, não é verdade para outros tipos de personalidade ética, e muitos provavelmente serão jogados fora de sua própria verdade ao serem levados a acreditar que a Narratividade é necessária para uma vida boa. Minha própria convicção é que as melhores vidas quase nunca envolvem esse tipo de relato de si, e que temos aqui mais um divisor profundo da raça humana.

22 1981, pp. 203–4.

23 Um problema com isso, e é um problema profundo, é que é quase certo que alguém se equivocará sobre sua “história”, de alguma forma mais ou menos sentimental — a menos que, talvez, tenha a ajuda de um terapeuta verdadeiramente talentoso.

Quando uma narrativa como a de John Campbell afirma que “a identidade [através do tempo] é central para aquilo com que nos importamos nas nossas vidas: uma coisa com que me importo é o que fiz da minha vida”²⁴, fico tão perplexo como Goronwy Rees quando ele escreve

Desde que me lembro, sempre me surpreendeu e me deixou um pouco perplexo que outras pessoas considerem tão natural que cada uma delas possua o que normalmente é chamado de “um caráter”; isto é, uma personalidade [ou um eu possuidor de personalidade] com sua própria história contínua... Nunca consegui encontrar nada desse tipo em mim mesmo... Quanto admiro aqueles escritores que são realmente capazes de registrar o crescimento do que chamam de personalidade, descrever as condições que determinaram seu nascimento, traçar amorosamente a curva de seu desenvolvimento... Para mim, seria completamente impossível contar tal história, porque em nenhum momento da minha vida tive aquela sensação invejável de constituir uma personalidade contínua... Quando criança, isso não me preocupava, e se eu realmente tivesse conhecido naquela época *Der Mann ohne Eigenschaften* [O homem sem qualidades, um romance de Robert Musil], o homem sem qualidades, eu o teria saudado como meu irmão de sangue e me alegrado porque não estava sozinho no mundo; como era, eu estava contente com uma fantasia privada minha, na qual eu figurava como o Sr. Ninguém.²⁵

Ao contrário de Rees, tenho uma compreensão perfeitamente adequada de mim mesmo como tendo uma certa personalidade, mas estou completamente desinteressado na resposta à pergunta “O que GS fez da sua vida?”, ou “O que eu fiz da minha vida?”. Estou vivendo, e esse tipo de pensamento não faz parte disso. Isso não significa que eu seja de

24 1994, p. 190.

25 1960, pp. 9–10.

alguma forma irresponsável. É só que o que me importa, na medida em que me importo comigo mesmo e com minha vida, é como eu sou agora. A maneira como sou agora é profundamente moldada pelo meu passado, mas são apenas as consequências atuais do passado que importam, não o passado como tal. Concordo com o Conde de Shaftesbury:

Os metafísicos... afirmam que se a memória for retirada, o eu estará perdido. [Mas] que importa para a memória? O que eu tenho a ver com essa parte? Se, *enquanto eu sou*, eu sou como eu deveria ser, o que mais me importa? E assim, deixe-me perder o *eu* a cada hora, e ser vinte eus sucessivos, ou novos eus, é tudo um para mim: desde que eu não perca minha opinião [i.e. minha perspectiva geral, meu caráter, minha identidade moral]. Se eu carrego isso comigo, sou eu; tudo está bem... — *O agora; o agora*. Lembre-se disto: nisto está tudo.²⁶

Penso, então, que a tese da Narratividade ética é falsa, e que a tese da Narratividade psicológica também é falsa em qualquer versão não trivial. O que quero dizer com não trivial? Bem, se alguém diz, como alguns dizem, que fazer café é uma narrativa que envolve Narratividade, porque você tem que pensar à frente, fazer as coisas na ordem certa, e assim por diante, e que a vida cotidiana envolve muitas dessas narrativas, então eu entendo que a alegação é trivial²⁷.

Pesa sobre mim o ônus da explicação da popularidade das duas teses, dado que eu acho que elas são falsas? Dificilmente. Seres humanos teóricos tendem a favorecer visões falsas em questões desse tipo. Eu, no entanto, acho que a moda intelectual é parte da explicação. Eu também suspeito que aqueles que são atraídos para escrever sobre o assunto da

26 Shaftesbury 1698–1712, pp. 136–137; Epicteto é uma influência importante.

27 Taylor é explícito ao dizer que é quando não estou “lidando com questões triviais como para onde irei nos próximos cinco minutos, mas com a questão do meu lugar em relação ao bem”, que “dar sentido à minha ação presente... requer uma compreensão narrativa da minha vida” (1989, p. 48).

“narratividade” tendem a ter perspectivas ou personalidades fortemente Diacrônicas e Narrativas, e generalizam a partir de seu próprio caso com aquela confiança especial e fabulosamente deslocada que as pessoas sentem quando, considerando elementos de sua própria experiência que são existencialmente fundamentais para elas, assumem que estes elementos também devem ser fundamentais para todos os outros²⁸.

6

— *Tudo muito interessante, mas o que é exatamente Narratividade (com maiúscula)? Você ainda não abordou a questão diretamente, e está ficando sem tempo.*

Talvez a primeira coisa a dizer é que ser Diacrônico não implica já ser Narrativo. Deve haver algo mais em alguém experimentar a própria vida enquanto uma narrativa do que simplesmente ser Diacrônico. Pois alguém pode ser Diacrônico, naturalmente experimentando a si mesmo(*) como algo existente no passado e no futuro sem qualquer sentido particular da própria vida como constituindo uma narrativa.

— *Tudo bem, mas você também não me disse o que é uma narrativa (com minúscula).*

Bem, uma narrativa, paradigmaticamente, é uma história convencional contada em palavras. Eu tomo o termo para atribuir — no mínimo — um certo tipo de *unidade* ou *coerência desenvolvimental* e, portanto, temporal às coisas às quais ele é aplicado de forma padrão — vidas, partes de vidas, peças de escrita. Portanto, ele não se aplica a sequências aleatórias ou radicalmente desconexas de eventos, mesmo quando são sequencialmente

28 Acredito que essa pode ser a maior fonte de infelicidade nas relações humanas.

e, de fato, contiguamente ordenadas temporalmente, ou a peças de escrita puramente picarescas ou aleatoriamente “recortadas”²⁹.

— Isso não nos leva muito longe, porque ainda precisamos saber o que torna a unidade ou coerência do desenvolvimento em uma vida especificamente narrativa por natureza. Afinal, há um sentido claro em que toda vida humana é uma unidade de desenvolvimento — uma unidade do desenvolvimento de personagem de uma história, bem como biológica — apenas por ser a vida de um único ser humano. Deixando de lado os casos de extrema insanidade, qualquer vida humana, mesmo uma altamente desordenada, pode ser o assunto de uma biografia notável que possui todas as virtudes relacionadas à unidade narrativa dessa forma literária. Mas se esse tipo de unidade do desenvolvimento é suficiente para a estrutura narrativa no sentido da tese da narratividade, então a tese é trivialmente verdadeira para todos os seres humanos. Na verdade, até cães e cavalos podem ser o assunto de biografias excelentes.

Verdade. E é por isso, penso eu, que a reivindicação distintiva dos defensores da tese da Narratividade psicológica é que para uma vida ser uma narrativa no sentido requerido, ela deve ser vivida Narrativamente. A pessoa para a qual sua vida é uma narrativa, pois, deve vê-la ou senti-la como uma narrativa, interpretá-la como uma narrativa, vivê-la como uma narrativa. Poderíamos colocar isso grosso modo dizendo que a narratividade em minúsculas ou “objetiva” requer Narratividade em maiúsculas ou “subjetiva”³⁰.

29 Há, no entanto, muitas complicações interessantes. Veja *Life in Time*.

30 MacIntyre não diz explicitamente nas passagens que citei que a narratividade de uma vida requer Narratividade. Em *After Virtue* ele está particularmente preocupado com a ideia de que ‘pensar em uma vida humana como uma unidade narrativa é pensar de uma forma estranha aos modos individualistas e burocráticos dominantes da cultura moderna’ (1981, p. 211), e essa observação foi principalmente uma crítica — uma excelente — às ciências sociais da época.

— *Agora você está usando a noção de Narratividade psicológica com letra maiúscula para caracterizar a noção de narratividade “objetiva” com minúscula, e eu ainda não tenho uma noção clara do que é Narratividade com maiúscula.*

Bem, não é fácil, mas talvez se possa começar da ideia de uma *construção* no sentido de uma interpretação. A perspectiva narrativa envolve claramente colocar algum tipo de construção — uma construção unificadora ou de busca de forma — nos eventos da vida de alguém, ou partes da vida de alguém. Não acho que essa construção precise envolver nenhuma atividade claramente intencional, nem qualquer afastamento ou adição aos fatos. Mas a atitude narrativa deve (como já concordamos) equivaler a algo mais do que uma disposição para compreender a vida de alguém como uma unidade simplesmente na medida em que é a vida de um ser humano biologicamente único. Nem pode consistir apenas na capacidade de dar um registro sequencial do curso real da vida de alguém —, a história real da vida de alguém — mesmo que a vida de alguém de fato exemplifique um padrão clássico de desenvolvimento narrativo independentemente de qualquer construção ou interpretação. Além disso, é necessário um envolvimento — de modo repetido, reiterado — em algum tipo de interpretação da vida. É preciso ter algum tipo de busca de coerência, busca de unidade, busca de padrões ou, mais geralmente, de grande escala.

[F] *tendência de busca de formas*

quando se trata da apreensão que alguém tem da sua vida, ou de partes relativamente grandes da sua vida³¹.

31 De agora em diante, omitirei a qualificação sobre ‘partes da vida de alguém’ e a tomarei como lida.

— *Mas isso nem sequer distingue Narratividade de Diacronicidade, pois ser Diacrônico já é colocar uma certa construção na própria vida — na vida do ser humano que se é: é apreender essa vida através do sentido unificador da vida de que se(*) esteve lá no passado e estará lá no futuro. E ainda assim você diz que ser Diacrônico não é suficiente para ser Narrativo.*

Estou preparado para admitir que ser Diacrônico já é colocar uma certa construção na vida de alguém no sentido que você especifica. No entanto, alguém pode ser Diacrônico sem conceber ativamente sua vida, consciente ou inconscientemente, como algum tipo de unidade de desenvolvimento ético-histórico-caracterológico, ou em termos de uma história, uma *Bildung* ou “busca”. Alguém pode ser Diacrônico sem que seu senso de quem ou o que é tenha qualquer tipo significativo de estrutura *narrativa*. E alguém pode ser Diacrônico sem que sua apreensão de si mesmo como algo que persiste no tempo tenha qualquer grande importância para alguém³².

— *Você já disse isso, e a questão continua sem resposta: que tipo de construção é necessária para a Narratividade? Quando alguém cruza a linha da mera Diacronicidade para a Narratividade? Isso ainda é luminosamente obscuro.*

Concordo que a proposta de que a busca de formas é uma condição necessária da Narratividade é muito pouco específica, mas sua falta de especificidade pode ser parte de seu valor, e parece claro para mim que a Diacronicidade (D) e a busca de formas (F) são independentes uma da outra. Na prática, sem dúvida, elas frequentemente vêm juntas, mas pode-se imaginar que [-D +F] é uma pessoa Episódica em quem uma tendência de busca de formas é estimulada precisamente pela falta de uma perspectiva Diacrônica, e, inversamente, [+D -F] uma pessoa Diacrônica que vive, por força das circunstâncias, uma vida intensamente picaresca e desconexa,

32 'Discernir', 'apreender', 'encontrar', 'detectar' todos têm leituras não factuais.

embora não tenha absolutamente nenhuma tendência a buscar unidade ou padrão narrativo de desenvolvimento nela. Outros Diacrônicos em circunstâncias semelhantes podem passar de [+D -F] para [+D +F], adquirindo uma tendência de busca de formas precisamente porque ficam angustiados pelo caráter de “uma maldita coisa após a outra”³³ de suas vidas. O grande e radicalmente não-narrativo Stendhal pode ser julgado como um exemplo disto, à luz de todos os seus projetos autobiográficos caóticos, embora eu estivesse mais inclinado a classificá-lo como [-D +F]³⁴. De qualquer forma, o fato é que alguém pode ser diacrônico enquanto é muito irrefletido sobre si mesmo. Alguém pode estar inclinado a pensar, de qualquer evento em seu passado do qual é lembrado, que aconteceu consigo mesmo*, sem compreender positivamente sua vida como uma unidade em qualquer outro sentido — por exemplo, especificamente narrativo.

Penso que a noção de busca de forma captura algo que é essencial para ser Narrativo e que vai essencialmente além de ser Diacrônico, e pode ser que a busca de forma não é apenas necessária para a Narratividade, mas também minimamente suficiente. Contra isso, pode-se dizer que se alguém é genuinamente Narrativo, deve também (e é claro) ter algum tipo de característica distintiva

[S] tendência de *contar histórias* (*story-telling*)

quando se trata da apreensão que alguém tem da própria vida — onde a narrativa é entendida de tal forma que não implica nenhuma tendência à fabricação, consciente ou não, embora também não a exclua. Nessa perspectiva, deve-se estar disposto a apreender ou pensar em si mesmo

33 Hubbard 1909, p. 32.

34 Julgo Stendhal fortemente episódico, mas sujeito a lampejos diacrônicos. Jack Kerouac é, creio eu, um caso claro de um episódico buscando uma forma maior. Também há elementos claros disso em Malcolm Lowry.

e na própria vida como se encaixando na forma de algum gênero narrativo reconhecido.

Contar histórias é uma espécie de busca de formas, e o modelo básico para isso, talvez, seja a maneira como jornalistas ou historiadores talentosos e imparciais relatam uma sequência de eventos. Obviamente, eles selecionam entre os fatos, mas não os distorcem ou falsificam, supomos, e fazem mais do que apenas listá-los na ordem temporal correta, pois também os conectam em um relato. Em seu modo não falsificador, contar histórias envolve a capacidade de detectar — não inventar — coerências de desenvolvimento na multiplicidade da vida de alguém. É uma maneira pela qual alguém pode ser capaz de apreender as profundas constâncias pessoais que de fato existem na vida de cada ser humano — embora eu acredite que isso também possa ser feito por busca de formas sem contar histórias.

Portanto, contar histórias envolve encontrar formas, e contar histórias, além de encontrar formas, é certamente — trivialmente — suficiente para a Narratividade.

8

Uma terceira e mais preocupante sugestão é que se alguém é Narrativo, também terá uma tendência a se envolver inconscientemente em invenção, ficção de algum tipo — falsificação, confabulação, revisionismo — quando se trata da apreensão da própria vida. Chamarei isso de

[R] revisão.

De acordo com *a tese da revisão*, a Narratividade sempre carrega consigo algum tipo de tendência à revisão, onde a revisão envolve essencialmente mais do que apenas mudar a visão de alguém sobre os fatos da sua vida. (Pode-se mudar a visão de alguém sobre os fatos da sua vida sem nenhuma falsificação, simplesmente passando a ver as coisas mais claramente.)

Revisão no sentido presente é por definição algo não-consciente. Às vezes pode começar conscientemente, com mentiras deliberadas contadas a outros, por exemplo, e pode ter instares semiconscientes, mas não é revisão genuína no sentido presente a menos ou até que seus produtos sejam sentidos como verdadeiros de uma forma que exclua a consciência de falsificação³⁵. A fronteira consciente/não consciente é obscura e porosa, mas acho que a noção de revisão é robusta para tudo isso. Os casos paradigmáticos são claros e extremamente comuns.

Se a tese da revisão fosse verdadeira, seria uma má notícia para a tese da Narratividade ética, cujos apoiadores não podem querer que o sucesso ético dependa essencialmente de algum tipo de falsificação. Não tenho dúvidas de que quase toda a Narratividade humana é comprometida pela revisão, mas não acho que deva ser. É, em todo caso, um fenômeno vasto e complexo, e farei apenas algumas observações.

Costuma-se dizer que a memória autobiográfica é um fenômeno essencialmente *construtivo* e *reconstrutivo* (nos termos da psicologia experimental) em vez de meramente *reprodutivo*, e há um sentido claro em que isso é verdade³⁶. A memória apaga, abrevia, edita, reordena, coloca em itálico. Mas mesmo que a construção e a reconstrução sejam universais na memória autobiográfica, elas não precisam envolver revisão como definidas atualmente, pois podem ser narrativas ou buscas de formas sem fabricação. Muitos propuseram que somos todos, sem exceção, incorrigíveis fabulistas de si mesmos, “narradores não confiáveis” de nossas próprias vidas³⁷, e alguns que sustentam essa visão alegam maior honestidade de perspectiva para si mesmos e veem orgulho, autocegueira e assim por diante naqueles que negam isso. Mas outras pesquisas deixam bem claro

35 É bem sabido que mentiras totalmente conscientes podem esquecer suas origens e passar a ser totalmente acreditadas por seus perpetradores.

36 Para boas discussões, veja, por exemplo, Brewer 1988, McCauley 1988.

37 Cf. por exemplo Bruner 1987, 1990, 1994. A noção de um ‘narrador não confiável’ deriva da crítica literária. Em *The Minds’ Past* (1998a), Gazzaniga parece apoiar uma visão fortemente reconstrutiva da memória humana, mas depois ele diz apenas que a memória pessoal tende a ser ‘um pouco ficcional’ (1998b, p. 713).

que isso não é verdade. Não é verdade para todos. Temos aqui outra dimensão profunda da diferença psicológica humana. Algumas pessoas são fabuladoras até as últimas consequências. No caso de outras pessoas, a memória autobiográfica é fundamentalmente não distorcida, quaisquer que sejam os processos automáticos de remodelação e reformulação que ela possa invariavelmente envolver³⁸.

Alguns pensam que a revisão é sempre *carregada*, como direi — sempre motivada por um grupo central interconectado de emoções morais, incluindo orgulho, amor-próprio, presunção, vergonha, arrependimento, remorso e culpa. Alguns vão além, afirmando com Nietzsche que sempre revisamos em nosso próprio favor: “‘Eu fiz isso’, diz minha memória. ‘Eu não posso ter feito isso’, diz meu orgulho, e permanece inexorável. Eventualmente — a memória cede.”³⁹

Parece, no entanto, que nenhuma dessas alegações é verdadeira. A primeira, de que toda revisão é carregada, é significativamente melhorada pela inclusão de coisas como modéstia ou baixa autoestima, gratidão ou perdão, no grupo central de estados de ânimo e emoções motivacionais; algumas pessoas são tão propensas a revisar em detrimento de si mesma e em benefício dos outros quanto o contrário. Mas a alegação de que a revisão é sempre carregada continua falsa mesmo assim. A revisão pode ocorrer simplesmente porque alguém é um natural descobridor de formas, mas muito esquecido e instintivamente busca fazer uma história coerente a partir de materiais limitados⁴⁰. Contadores de histórias frustrados podem cair na revisão simplesmente porque não conseguem encontrar uma forma satisfatória em suas vidas e sem serem de forma alguma motivados

38 Brewer (1988) argumenta que a evidência que apoia ‘a visão reconstrutiva da memória pessoal... não parece muito convincente’. Veja também Wagenaar 1994, Baddeley 1994, p. 239, Swann 1990. Ross (1989) argumenta que a revisão que parece servir à autoestima pode ser motivada por nada mais do que uma preocupação com a consistência.

39 1886, §69.

40 Talvez a ‘confabulação’ em pacientes com síndrome de Korsakov seja um exemplo extremo e patológico de revisão. Veja, por exemplo, Sacks 1985, Gazzaniga 1998.

por um desejo de preservar ou restaurar o respeito por si mesmos. A lembrança de John Dean de suas conversas com Nixon nas audiências de Watergate é outro caso muito discutido de revisão não carregada. Quando as fitas perdidas foram encontradas, seu testemunho foi revelado como impressionantemente “preciso sobre as posições básicas dos indivíduos”, embora fosse “impreciso com relação ao que exatamente foi dito durante uma determinada conversa”. Sua lembrança de eventos envolveu revisão, além de esquecimento rotineiro e reconstrução moralmente neutra, na medida em que continha erros positivos, mas não há razão para pensar que foi significativamente carregada⁴¹. Memórias de “flashbulb” (como a lembrança do que alguém estava fazendo quando ouviu sobre o tiroteio do presidente Kennedy ou sobre o 11 de setembro) podem ser surpreendentemente imprecisas — surpreendentemente, dada a nossa certeza de que nos lembramos com precisão — mas, mais uma vez, não parece haver razão para pensar que a revisão que elas envolvem deva ser carregada⁴².

Mesmo quando a revisão é carregada, a visão comum de que sempre revisamos em nosso próprio favor deve ceder a uma massa de evidências cotidianas de que algumas pessoas são tão propensas a revisar em detrimento de si mesmo — ou simplesmente esquecer as coisas boas que fizeram⁴³. Quando La Rochefoucauld diz que o amor-próprio é mais sutil do que o homem mais sutil do mundo, há verdade no que ele diz. E revisar em detrimento de si mesmo pode não ser mais atraente do que revisar em seu próprio benefício. Mas La Rochefoucauld às vezes é muito inteligente, ou melhor, ignorante, em seu cinismo⁴⁴.

A tendência de revisar é uma parte necessária de ser alguém Narrativo? Não. Em nosso próprio caso frágil, a Narratividade substancial pode

41 Brewer 1988, p. 27. Cf. Neisser 1981.

42 Pillemer 1998, ch. 2.

43 Para evidências mais formais, cf. por exemplo Wagenaar 1994, 'A memória é egoísta?'

44 Mesmo que todos nós tendêssemos a ver nossas vidas sob uma luz favorável, isso não significaria que todos nós fôssemos revisores: alguns teriam justificativas de suas ações que os favorecem e preservam o respeito por si mesmo, já existente no momento da ação e, portanto, não terão necessidade de revisão subsequente.

raramente ocorrer sem revisão, mas contar histórias é suficiente para a Narratividade, e pode-se contar histórias sem ser revisionista. Portanto, a tese da Narratividade ética sobrevive à ameaça representada pela tese da revisão. Quando Bernard Malamud afirma que “toda biografia é, em última análise, ficção”, simplesmente com base no fato de que “não há vida que possa ser capturada totalmente, como ela foi”, não há implicação de que também deva ser, em última análise, falsa⁴⁵.

9

Fiz algumas distinções, mas nenhuma delas é muito nítida, e se alguém perguntar como Diacrônicos, buscadores de formas, contadores de histórias e revisores se relacionam entre si, a resposta, até onde posso ver, é que quase tudo vale. Contar histórias envolve busca de formas porque é simplesmente um tipo de busca de formas, mas não vejo outras conexões necessárias entre as quatro. Alguns acham que todos os seres humanos normais têm todas essas quatro propriedades. Eu acho que alguns seres humanos normais não têm nenhuma delas. Alguns acham que a Narratividade envolve necessariamente todas as quatro. Eu acho (como acabei de observar) que o caso limite da Narratividade envolve nada mais do que busca de formas na narrativa (nem mesmo exige que alguém seja Diacrônico).

Como os autores que citei se classificam sob esse esquema? Bem, Dennett é alguém que endossa uma visão completa [+D +F +S +R] do que é ser Narrativo, e ele parece dar ênfase considerável à revisão:

[...] nossa tática fundamental de autoproteção, autocontrole e auto-definição não é tecer teias ou construir represas, mas contar histórias

45 Malamud 1979.

e, mais particularmente, *inventar* e controlar a história que contamos aos outros — e a nós mesmos — sobre quem somos.⁴⁶

Bruner, eu acho, concorda com essa ênfase. Eu entendo que Sartre endossa [+F +S +R], e não está particularmente preocupado com [D] na medida em que ele está principalmente interessado em contar histórias de curto prazo, no presente. O relato de Schechtman sobre Narratividade é [+D +F +S ±R]. Ele assume que somos todos Diacrônicos, requer que sejamos buscadores de formas e contadores de histórias e explicitamente assim:

[...] constituir uma identidade requer que um indivíduo conceba a sua vida como tendo a forma e a lógica de uma história — mais especificamente, a história da vida de uma pessoa — onde “história” é entendida como uma narrativa convencional e linear⁴⁷

mas é importante, na opinião dela, que não haja nenhuma revisão significativa, que a narrativa pessoal seja essencialmente precisa.

Eu me considero [-D -F -S -R]. A alegação de que não reviso muito é a mais vulnerável, porque está na natureza do caso que não se tenha a experiência de que se revisa quando se revisa. Então, posso estar errado, mas (claro) não penso assim.

Sobre a forma forte da visão de Schechtman, eu não sou realmente uma pessoa. Algumas criaturas sencientes, ela diz, “tecem histórias de suas vidas, e é o fazerem isso que *as torna* pessoas”; ter uma “identidade” como pessoa é “ter uma concepção narrativa de si... experimentar os eventos da vida de alguém conforme interpretados pelo senso da própria história de vida”. Este é, de fato, um tipo comum de afirmação, e Schechtman vai

46 1991, p. 418; ênfase minha. Note que Dennett enfatiza a ideia de que esta é uma história sobre quem somos, e não sobre nossas vidas.

47 Schechtman 1997, p. 96. Esta é uma expressão forte de sua visão, que tem formas mais fracas úteis (cf. p. ex. pp. 117, 159).

além, afirmando em certo ponto que “elementos da narrativa de uma pessoa” que figuram apenas em sua “implícita narrativa de si”, e que essa pessoa “não consegue articular... são apenas parcialmente seus — atribuíveis a ele em menor grau do que aqueles aspectos da narrativa que ele consegue articular”⁴⁸.

Isso me parece expressar um ideal de controle e autoconsciência na vida humana que é equivocado e potencialmente pernicioso. A aspiração à articulação narrativa e explícita de si é natural para alguns — para alguns, talvez, pode até ser útil — mas em outros é altamente antinatural e ruínosa. Meu palpite é que quase sempre faz mais mal do que bem — que a tendência narrativa de procurar coerência narrativa ou de história na vida de alguém é, em geral, um obstáculo grosseiro à compreensão de si, isto é, para uma compreensão justa, geral, com senso de realidade prática, implícita ou explícita, da natureza de alguém. É bem sabido que contar e recontar o passado de alguém leva a mudanças, suavizações, aprimoramentos, afastamentos dos fatos, e pesquisas recentes mostraram que isso não é apenas uma fraqueza psicológica humana. Acontece que é uma consequência inevitável da mecânica do processo neurofisiológico de estabelecer memórias que cada lembrança consciente estudada de eventos passados traz uma alteração⁴⁹. A implicação é clara: quanto mais você se lembra, reconta, narra a si mesmo, mais você corre o risco de se afastar da precisa compreensão de si, da verdade do seu ser. Algumas pessoas estão constantemente contando suas experiências diárias para as outras de uma forma narrativa e com grande entusiasmo. Elas estão se afastando cada vez mais da verdade. Outros nunca fazem isso, e quando são obrigados a transmitir fatos sobre suas vidas, eles o fazem desajeitadamente e desconfortavelmente e de uma forma que é de alguma forma essencialmente resistente à narrativa.

48 1997, p. 117.

49 1997, p. 117.

Certamente a Narratividade não é uma parte necessária da ‘vida examinada’ (nem a Diacronicidade), e é em todo caso muito pouco claro que a vida examinada, considerada por Sócrates essencial à existência humana, seja sempre uma coisa boa. As pessoas podem se desenvolver e se aprofundar de maneiras valiosas sem qualquer tipo de reflexão explícita, especificamente Narrativa, assim como os músicos podem melhorar com sessões de prática sem lembrar essas sessões. O negócio de viver bem é, para muitos, um projeto completamente não-Narrativo. Admitindo que certos tipos de compreensão de si são necessários para uma boa vida humana, eles não precisam envolver nada mais do que a descoberta de formas, que pode existir na ausência da Narratividade; e podem ser osmóticos, sistêmicos, não encenados na consciência.

A psicoterapia não precisa ser um projeto Narrativo (com maiúscula) ou narrativo. Ela envolve regularmente a identificação de conexões entre características da vida inicial de alguém e sua perspectiva atual sobre as coisas, mas essas ligações explicativas específicas não precisam ter nenhum tipo de caráter narrativo distinto. Nem precisam ser apreendidas de nenhuma forma narrativa distinta. Nem precisam se interconectar narrativamente entre si de nenhuma forma interessante. Não preciso assumir nenhum tipo de atitude narrativa comigo mesmo para lucrar com a compreensão de como a maneira como X e Y me trataram quando eu era muito jovem é expressa em certas ansiedades que tenho agora. As principais ligações explicativas na psicoterapia são frequentemente de natureza fragmentada, assim como muitos dos principais impactos da experiência. Idealmente, penso eu, adquire-se uma cesta variada de entendimentos, não uma narrativa — uma narrativa quase inevitavelmente falsificadora.

— *Sinto muito, mas você realmente não tem ideia da força e do alcance da tese da Narratividade psicológica. Você é tão Narrativo quanto qualquer outra pessoa, e suas narrativas sobre si mesmo determinam como você pensa sobre si mesmo, mesmo que elas não sejam conscientes*

Bem, aqui temos um impasse. Acho que não é bem assim, e entendo que a discordância não é apenas terminológica. A compreensão de si mesmo não precisa assumir uma forma narrativa, mesmo implicitamente. Sou um produto do meu passado, incluindo meu passado muito antigo, em muitos aspectos profundamente importantes. Mas simplesmente não se segue que a compreensão de si, ou o melhor tipo de compreensão de si, deva assumir uma forma narrativa, ou mesmo uma forma histórica. Se eu fosse encarregado de tornar minha autocompreensão explícita, eu poderia muito bem ilustrar minha visão de mim mesmo por referência a coisas que eu (GS) fiz, mas certamente não se seguiria que eu tivesse uma perspectiva diacrônica, muito menos uma narrativa.

Neste ponto, Heidegger nos informa, em uma variação de Sócrates, que a existência de um ser humano — a existência do *Dasein* — é constituída pelo fato de que seu ser é uma questão para si mesmo. Tudo bem, mas não está nada claro que ser uma coisa cujo ser é uma questão para si mesmo precisa envolver qualquer tipo de perspectiva narrativa. Heidegger considera que a “compreensão de si de alguém é constitutiva de [alguém]... ser o que ou quem [alguém] é”, e que essa autocompreensão consiste amplamente em alguém “determinar a si mesmo enquanto alguém voltado para uma maneira possível de ser”⁵⁰. E aqui ele parece (não entendo sua noção de temporalidade) estar insistindo na importância de

50 Blattner 1999, pp. 32, 41; Substituo ‘um’ por ‘Dasein’. Cf. Heidegger (1927, p. 344): ‘À luz do “para-o-que” da capacidade-de-ser auto-escolhida de alguém, o Dasein resolutamente liberta-se para seu mundo.’

ser diacrônico e, de fato, narrativo. Mas se essa é sua afirmação, então — mais uma vez — parece-me falsa: falsa como uma afirmação universal sobre a vida humana, falsa como uma afirmação sobre o que é o caso para que os seres humanos sejam o que ou quem eles são, falsa como uma afirmação normativa sobre como deve ser a vida humana boa ou autêntica, falsa sobre o que qualquer compreensão de si próprio precisa envolver, e falsa sobre o que a compreensão de si é no seu melhor caso. Talvez a autenticidade heideggeriana seja compatível com o ideal aparentemente rival de viver o momento — “Portanto, não se preocupe com o amanhã: pois o amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal”⁵¹ —, mas isso não vai me convencer.

11

Há muito mais a dizer. Alguns ainda podem pensar que a vida episódica deve ser privada de alguma forma, mas vidas verdadeiramente felizes e que se deixam levar e pagam pra ver o que vai acontecer estão entre as melhores que existem, vívidas, abençoadas, profundas⁵². Alguns pensam que um Episódico não pode realmente conhecer a verdadeira amizade, ou mesmo ser leal. Eles são refutados por Michel de Montaigne, um grande Episódico, famoso por sua amizade com Etienne de la Boétie, que julgou que ele era “melhor na amizade do que em qualquer outra coisa”, embora

[...] não há ninguém menos adequado do que eu para começar a falar sobre memória. Dificilmente consigo encontrar um traço dela

51 Mateus vi. 34. Esta maneira de estar no presente não tem nada a ver com a maneira ‘estética’ de estar no presente descrita e condenada por Kierkegaard.

52 Note, porém, como Tom Bombadil em *O Senhor dos Anéis* pode produzir uma certa ansiedade.

em mim; duvido que haja qualquer outra memória no mundo tão grotescamente falha quanto a minha!⁵³

Montaigne descobre que é frequentemente mal julgado e mal compreendido, pois quando ele admite que tem uma memória muito fraca, as pessoas assumem que ele deve sofrer de ingratidão: “eles julgam minha afeição pela minha memória”, ele comenta, e estão, é claro, muito errados em fazê-lo⁵⁴. Um dom para a amizade não requer nenhuma habilidade de lembrar experiências passadas compartilhadas em detalhes, nem nenhuma tendência a valorizá-las. Ele é mostrado em como alguém está no presente.

Mas os Episódicos podem ser seres propriamente morais? A questão incomoda muitos. Kathy Wilkes acha que não⁵⁵. Assim também, talvez, Plutarco e muitos outros. Mas a Diacronicidade não é uma condição necessária de uma existência propriamente moral, nem de um senso de responsabilidade apropriado⁵⁶. Quanto à Narratividade, ela é na esfera da ética mais uma aflição ou um mau hábito do que um pré-requisito para uma boa vida. Ela corre o risco de uma estranha mercantilização da vida e do tempo — da alma, entendida em um sentido estritamente secular. Ela erra o alvo. “Nós vivemos”, como observa o grande contista V. S. Pritchett, “além de qualquer conto que por acaso encenemos”⁵⁷.

53 1563–92, p. 32.

54 p. 33. ‘Uma segunda vantagem’ da memória fraca, ele continua observando, ‘é que... lembro-me menos de quaisquer insultos recebidos’.

55 Wilkes 1999.

56 Discuto a ética episódica em *Life in Time*.

57 Pritchett 1979, p. 47. Sou grato ao público em Oxford (1999), Rutgers (2000) e Reading (2003) por seus comentários.

REFERÊNCIAS

- Baddeley, A. (1994). 'The remembered self and the enacted self', in *The remembering self: construction and accuracy in the self-narrative*, edited by U. Neisser & R. Fivush (Cambridge: Cambridge University Press).
- Blattner, W. (1999). *Heidegger's Temporal Idealism* (Cambridge: Cambridge University Press).
- Blumenfeld, L. (2003). *Revenge: a Story of Hope* (New York: Washington Square Press).
- Brewer, W. F. (1988). 'Memory for randomly sampled autobiographical events', in *Remembering Reconsidered: Ecological and traditional approaches to the study of memory* edited by U. Neisser & E. Winograd (Cambridge: Cambridge University Press).
- Bruner, J.. (1987). 'Life as Narrative', *Social Research* 54, pp. 11–32.
- . (1990). *Acts of Meaning* (Cambridge, MA: Harvard University Press).
- . (1994). 'The "remembered" self', in *The remembering self*.
- Campbell, J. (1994). *Past, Space, and Self* (Cambridge, MA: MIT Press).
- Debiec, J., LeDoux, J. and Nader, K. (2002). 'Cellular and Systems Reconsolidation in the Hippocampus' *Neuron* 36(3), pp. 527–538.
- Dennett, D. (1988). 'Why everyone is a novelist' *Times Literary Supplement* 16–22 September.
- Gazzaniga, M. (1998a). *The Mind's Past* (Berkeley: University of California Press).
- . (1998b). 'The Neural Platonist', *Journal of Consciousness Studies* 5, pp. 706–717, also at http://www.imprint.co.uk/gazza_iv.htm.
- Heidegger, M. (1927/1962). *Being and Time*, translated by J. MacQuarrie & E. Robinson (Oxford: Blackwell).
- Hirst, W. (1994). 'The remembered self in amnesics', in *The remembering self*. Hubbard, E. (1909). article in *Philistine*.
- James, H. (1864–1915/1999). *Henry James: a Life in Letters*, edited by Philip Horne (London: Penguin).

- McCauley, R. N. (1988). 'Walking in our own footsteps: Autobiographical memory and reconstruction' in *Remembering Reconsidered*.
- McCrone, J. (2003). *New Scientist*, May 3.
- MacIntyre, A. (1981). *After Virtue* (London: Duckworth).
- Malamud, B. (1979). *Dubin's Lives* (New York: Farrar Straus & Giroux).
- Montaigne, M. de (1563–92/1991). *The Complete Essays*, translated by M. A. Screech (London: Penguin).
- Neisser, U. (1981). 'John Dean's memory: A case study' in *Cognition* 9, pp. 1–22.
- Pillemer, D. (1998). *Momentous Events, Vivid Memories: How Unforgettable Moments Help Us Understand the Meaning of Our Lives* Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Plutarch, (c 100 AD/1939). 'On Tranquillity of Mind' in Plutarch, *Moralia VI*, translated by W. C. Helmbold (Cambridge, MA: Harvard University Press).
- Ross, M. (1989). 'Relation of implicit theories to the construction of personal histories' *Psychological Review* 96, pp. 341–357.
- Sacks, O. (1985). *The Man Who Mistook His Wife For A Hat* (London: Duckworth).
- Sartre, J.-P. (1938/1996). *La nausée* (Paris: Gallimard).
- Schechtman, M. (1997). *The Constitution of Selves* (Ithaca: Cornell University Press).
- Scoville, W. B. and Milner, B. (1957). 'Loss of recent memory after bilateral hippocampal lesions', *Journal of Neurology, Neurosurgery, and Psychiatry* 20, pp. 11–21.
- Shaftesbury, Earl of (1698–1712/1900). 'Philosophical Regimen', in *The Life, Unpublished Letters, and Philosophical Regimen of Anthony, Earl of Shaftesbury*, edited by B. Rand (New York: Macmillan).
- Strawson, G. (1997). '“The Self”', in *Models of the Self* ed. S. Gallagher & J. Shear (Thorverton: Imprint Academic), pp. 1–24, also at <http://www.imprint.co.uk/strawson.htm>.

- . (1999). 'The Self and the SESMET', in *Models of the Self*, pp. 483–518, also at <http://www.imprint.co.uk/pdf/sesmet.pdf>.
- . (in preparation). *Life in Time* (Oxford: Oxford University Press).
- Swann, W. B. (1990). 'To be adored or to be known: the interplay of self-enhancement and self-verification' in *Handbook of motivation and cognition: Foundations of social behavior*, edited by R. M. Sorrentino, & E. T. Higgins, volume 2 (New York: Guilford).
- Taylor, C. (1989). *Sources of the Self* (Cambridge: Cambridge University Press).
- Wagenaar, W. (1994). 'Is memory self-serving?', in *The remembering self*.
- Wilkes, K. (1998). 'GNOTHE SEAUTON (Know Thyself)', *Journal of Consciousness Studies* 5, pp. 153–65 reprinted in *Models of the Self*.

